



ANO 2 NÚMERO 6

CADERNOS SESC DE CIDADANIA

Dia Mundial do Meio Ambiente

5 de junho de 2011

sescsp.org.br

SESC

Florestas para o povo { REPORTAGEM: Além das questões ambientais e biológicas imediatas, conservação da floresta suscita debate sobre o valor cultural da mata { ECONOMIA: Produção agroflorestal resgata práticas sustentáveis de exploração { INTERVENÇÃO: Frans Kracjberg, polonês radicado no Brasil, diz que sua arte é um grito pela natureza { ARTIGO: Especialista debate a divisão entre floresta e civilização

MÚSICA
TEATRO
DANÇA
CIRCO
LITERATURA
ARTES VISUAIS
ARTEMÍDIA
PERFORMANCE



CIRCUITO SESC DE ARTES

DE 1 A 19 DE
JUNHO DE 2011

*A arte em todas as suas manifestações.
Em todos os seus encontros.
Para todas as pessoas.*

*Confira a programação:
sescsp.org.br/circuito*

Realização

SESC

Apoio

PREFEITURAS MUNICIPAIS

SINCOMERCIO

**6 roteiros
de programação**

71 atividades

270 artistas

**88 cidades do Estado
de São Paulo**

EM BUSCA DO EQUILÍBRIO PERDIDO

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional - SESC São Paulo

NESTE MOMENTO, EM QUE DIVERSOS SETORES DA SOCIEDADE SE DEBRUÇAM sobre a aprovação de leis mais equilibradas para a utilização dos recursos naturais no país, oferecemos outros elementos e possibilidades de reflexão aos nossos cidadãos. O que se precisa equacionar de maneira negociada e democrática são políticas públicas que garantam o bem comum aliado à sustentabilidade para as gerações atuais e futuras.

Esta edição da série Cadernos SESC de Cidadania abraça o tema proposto pela Unesco, “Florestas para o Povo”, já com a perspectiva de extrapolar as polarizações e apontar para um diálogo mais amplo que considere os vários aspectos e posições, às vezes, conflitantes e antagônicos dessa matéria que interessa aos cidadãos urbanos tanto quanto aos que vivem no meio rural. Neste sentido, buscamos aprofundar as discussões sobre desenvolvimento e sustentabilidade; extrativismo predatório e de subsistência; imaginário e realidade das florestas.

Para nós, contribuir para que os cidadãos se incorporem ao debate, com ideias autônomas sendo capazes de defender e criticar argumentos, é tarefa tão relevante quanto propor, testar e validar iniciativas que possam ser apropriadas e replicadas na sociedade. ■

índice }

p.5 *artigo SESC*

Excluir a sociedade do convívio com a natureza não necessariamente resulta na preservação de áreas verdes

p.8
reportagem especial
Especialistas discutem a função da floresta como reserva biológica, patrimônio cultural, fonte de riqueza e subsistência

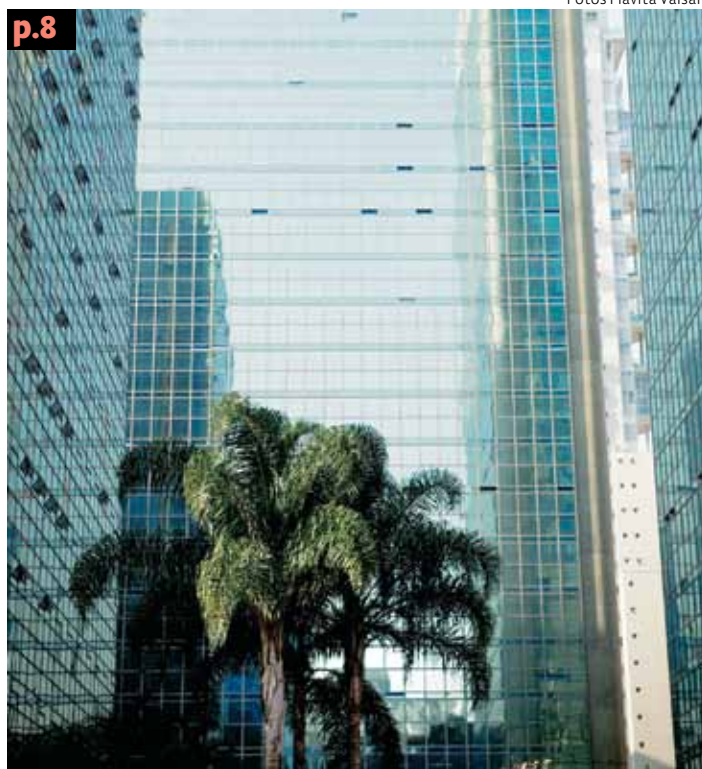
p.22
economia
Iniciativas que aliam conservação à geração de renda ganham espaço

p.28
entrevista
O biólogo Cláudio Pádua, do IPÊ, diz que o Brasil precisa resgatar a vocação florestal

p.32
artigo
Senilde Alcântara Guanaes situa a floresta na cultura



CAPA Detalhe de "Flor do Mangue", obra do polonês Frans Kracjberg. **p.18**



Expediente

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO **Administração Regional no Estado de São Paulo**

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Paulo
Giannini TÉCNICO-SOCIAL Joel
Naimayer Padula ADMINISTRAÇÃO
Luiz Deoclécio Massaro
Galina ASSESSORIA TÉCNICA E
DE PLANEJAMENTO Sérgio José
Battistelli

Cadernos SESC de Cidadania
GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS Hélcio
Magalhães ASSISTENTES André
Macedo e Karina Musumeci
GERÊNCIA DE PROGRAMAS
SOCIOEDUCATIVOS Maria Alice
Oieno de Oliveira Nassif ADJUNTO
Flávia Roberta Costa ASSISTENTES
Denise S. Baena Segura, Denise
Minichelli Marçon e Fábio Luiz
Vasconcelos GERÊNCIA DE ESTUDOS
E DESENVOLVIMENTO Marta Raquel
Colabone ADJUNTO Andréa de
Araújo Nogueira ASSISTENTE
Ubiratan Rezende GERÊNCIA
DE RELAÇÕES COM O PÚBLICO
Paulo Ricardo Martin ADJUNTO
Carlos Rodolpho T. Cabral
ASSISTENTE Malú Maia GERÊNCIA
DE COMUNICAÇÃO ADMINISTRATIVA
Antonio Carlos Cardoso Sobrinho
ADJUNTO Elvira de Fátima P.
Troiano

EDITOR Renato Essenfelder
PROJETO GRÁFICO Marcio Freitas
REPORTAGEM Sílvia Czapski e
Renata Valdejão FOTOGRAFIA
Flavita Valsani TRATAMENTO DE
IMAGEM Gilmara Ruas

A Revista Cadernos SESC de Cidadania é uma publicação do SESC São Paulo. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Versão on line em sescsp.org.br
Gerência de Artes Gráficas
geatg@sescsp.org.br
Telefone 11 2607-8255

SESC
sescsp.org.br



“Seria muito difícil conceber uma aliança por um mundo responsável, plural e solidário sem o tema florestal. A própria arquitetura da floresta inspira um trabalho em aliança. A floresta tem como uma de suas mais marcantes características a explícita e estreita relação entre todos os seus componentes. As florestas tropicais, de forma especialmente potencializada, sintetizam o que se pode chamar de harmonia da diversidade – genética, de cores, de formas, de tamanhos... Compreender – com a mente e o coração – a dinâmica que sustenta esses grandes ecossistemas é uma das chaves para a construção de propostas e ações no rumo da sustentabilidade ambiental planetária.”

Luis Felipe César

ALIANÇA COM A NATUREZA

QUANTAS VEZES NA VIDA PARAMOS PARA PENSAR QUE A ÁRVORE DA CALÇADA, a praça perto de casa, o parque do município onde vivemos ou mesmo a reserva que visitamos nas férias têm relação direta com o ar que respiramos ou com a conservação dos corpos d'água, para citar apenas dois exemplos essenciais à vida?

Embora a relação entre florestas e sociedades humanas seja vital, as raízes do nosso distanciamento em relação à natureza são antigas; podem ser identificadas até nas bases da política de conservação. As discussões iniciais sobre a criação dos primeiros parques, nos EUA, fortaleceram o conceito de isolamento das áreas protegidas; pensar a conservação significava manter a natureza intocada, afinal, era preciso distanciar seu elemento ameaçador – a sociedade humana – para protegê-las.

Esse pensamento influenciou a política brasileira de conservação, na medida em que restringiu a presença das pessoas nas áreas protegidas, em nome da biodiversidade e da integridade do ambiente. De certa forma, modos de vida de populações que viviam nessas áreas foram colocados em segundo plano; os conhecimentos tradicionais foram descartados em nome da preservação.

A mudança desse conceito foi influenciada pela evidência de que o

modelo que excluiu as pessoas do convívio com a natureza não necessariamente promove a conservação; pelo contrário: alijar as populações tradicionais desvirtuou a compreensão de que o elemento humano é essencial para a conservação, pois sua existência é claramente vinculada aos ciclos naturais. Também no contexto urbano, onde o distanciamento em relação à natureza é ainda maior, o conflito permanece.

Essa discussão revela que nossa relação com a natureza está em constante construção, determinando modos de nos relacionarmos com ela e de definirmos a paisagem que nos cerca. Se hoje habitamos cidades adoecidas pelo excesso de construções, de poluição atmosférica e visual, e com bem menos áreas verdes do que gostaríamos, isso tem relação direta com a forma como elaboramos nossa existência. Compreender que a qualidade de vida humana está diretamente ligada a essas escolhas é o primeiro passo para estabelecermos outra relação com a natureza: a de reciprocidade. Isso vai além da definição de um território físico para a conservação, da existência de uma determinada espécie, vegetal ou animal, ameaçada de extinção; passa pela percepção de que pertencemos ao mesmo sistema.



Mas que valor atribuímos à natureza? Se hoje o discurso corrente busca o valor econômico da biodiversidade, da água, do solo, e outros recursos, quando e como fortaleceremos a noção de que a natureza tem seu próprio valor? As populações tradicionais, por exemplo, não falam em “consciência ecológica” para explicar sua relação com a natureza porque elas sempre souberam que dependem dela.

Do ponto educativo, Fritjof Capra defende que os ecossistemas naturais têm muito a nos ensinar em relação à aplicação do conceito de sustentabilidade. Compreender os princípios de organização dos sistemas vivos e suas relações de interdependência está na base do que chama de alfabetização ecológica, uma pedagogia voltada ao conhecimento da complexa teia da vida. A partir de uma visão ecológica profunda, que evidencia que o ser humano é parte indissociável de um sistema, esse autor acredita que o processo educativo capaz de gerar engajamento social e político em prol da vida é aquele

que se inspira e reconhece o conhecimento produzido pela própria natureza. Poeticamente, Paulinho da Viola fez sua versão em música, quando compôs *Coisas do mundo minha nega*: “As coisas estão no mundo, só que eu preciso aprender”.

Com esse olhar atento para o que nos cerca e toda a beleza que envolve as relações que sustentam a teia da vida, a proposta da educação para a sustentabilidade busca construir entendimentos sobre como o mundo se organiza e como as escolhas humanas afetam a dinâmica do planeta.

Hoje, com a maioria da população mundial vivendo em cidades, são necessários esforços enormes, de todos, para gerar conhecimento e criar situações que busquem restaurar a aliança entre os seres humanos e a natureza.

Lazer e educação em áreas naturais

Buscar conhecimento e envolvimento a partir do contato direto com as áreas naturais sempre foi objeto de trabalho do

SESC, seja nas ações de formação, seja nas vivências que revelam aspectos muitas vezes despercebidos no dia a dia: observar aves, conhecer a simples e sofisticada decomposição de matéria orgânica nas composteiras, ilustrar os frutos e folhas da mata em oficinas de artes, ouvir canções e poesias que se inspiram na natureza ou simplesmente estar sob uma árvore.

Aliar lazer e conservação ambiental é marcante no SESC Interlagos, inaugurado em 1975. Ocupando o que antes era uma área rural, chamada Sítio da Figueira, o projeto manteve uma das poucas áreas remanescentes de Mata Atlântica na cidade de São Paulo, hoje de grande significado na região sul. A partir do estudo realizado em parceria com o Instituto de Biociências da Unesp de Rio Claro, em 1999, foi identificada uma diversidade de espécies bastante considerável, estimulando um trabalho de recomposição da mata. Com propósito de difundir a valorização dessa área e desenvolver a temática socioambiental, foram gerados vários projetos educativos destinados aos educadores da região e à imensa população visitante dessa unidade.

Em 1992, com a criação do SESC Itaquera, localizado numa área de preservação ambiental essencial para a zona leste do município de São Paulo, vários programas educativos voltados à questão ambiental foram desenvolvidos. Durante estes anos, o Programa Pólos Integrados de Educação Ambiental criou significativo espaço de discussão no campo da educação socioambiental na região, propiciando a elaboração de projetos que articulavam conteúdos da interpretação ambiental às mais diversas linguagens artísticas, voltados a educadores, lideranças comunitárias, organizações sociais e alunos das redes pública e particular de ensino.

Com o mesmo propósito, o Centro de Férias SESC Bertioga tem intensificado ações que valorizam o contato direto com a natureza. O projeto Avifauna é um exemplo. Criado em 1992 com o objetivo de potencializar o envolvimento dos hóspedes com a riqueza da fauna

local, consistiu num amplo diagnóstico de ocorrência das aves na região, na implantação de dispositivos de alimentação e construção de ninhos, que permitiram que aves se aproximassem de locais ao alcance da observação. Além disso, foi incrementado o plantio de árvores nativas com maior potencial de atração de aves.

Com a abertura do Centro de Educação Ambiental, em 2008, o conceito do projeto educativo pautou-se no tema “Entre a serra e o mar”, potencializando ainda mais a percepção sobre a importância da Mata Atlântica.

Entendidas, então, como espaços educadores, as áreas naturais possibilitam uma série de abordagens socioeducativas, pois evidenciam a complexidade das inter-relações entre natureza e cultura.

Dia Mundial do Meio Ambiente

Com uma programação voltada ao tema Florestas para o Povo, idealizada pela Organização das Nações Unidas dentro do Ano Internacional das Florestas, em 2011, o SESC incluiu a discussão global a cerca da importância estratégica da conservação ambiental na sua agenda, inserindo-a no contexto de atuação de suas unidades, a partir dos conhecimentos e das percepções locais.

Por que é importante entender e destacar esse tema? O alerta em relação à conservação de áreas verdes e à gestão sustentável das florestas está amparado na constatação de que a sua exploração sem manejo adequado gera uma série de danos à vida humana e ao equilíbrio do planeta: a perda da biodiversidade; o comprometimento dos mananciais; o agravamento das mudanças climáticas; a exploração indiscriminada da fauna; o empobrecimento da paisagem, entre outros.

Acreditando que pela ação sociocultural podemos transformar nosso olhar e nosso agir, a programação comemorativa do Dia Mundial do Meio Ambiente no SESC apresenta diversos temas e abordagens que buscam provocar, construir e comunicar conteúdos sobre o modo como podemos fortalecer nossa aliança com a natureza. ■



Se hoje o discurso corrente busca o valor econômico da biodiversidade, da água, do solo, e de outros recursos, quando e como fortaleceremos a noção de que a natureza tem seu próprio valor?



→ Florestas do mundo: propostas para a sustentabilidade. São Paulo; Instituto Pólis; 2003. p.13 (Cadernos de proposições para o século XXI, 6)

→ Físico, fundador do Centro para Alfabetização Ecológica em Berkeley, Califórnia. Autor de vários livros, entre eles O tao da física, O Ponto de mutação e Alfabetização Ecológica.

→ As aves do Sesc Bertioga. São Paulo: SESC, 2004.



**Árvore refletida em poça d'água,
em frente ao Masp, em São Paulo**



reportagem especial

No Ano Internacional das Florestas, especialistas debatem a importância cultural, econômica e biológica de preservar esses ecossistemas, que abrangem 31% de toda a área terrestre do globo e abrigam 80% da biodiversidade do planeta.

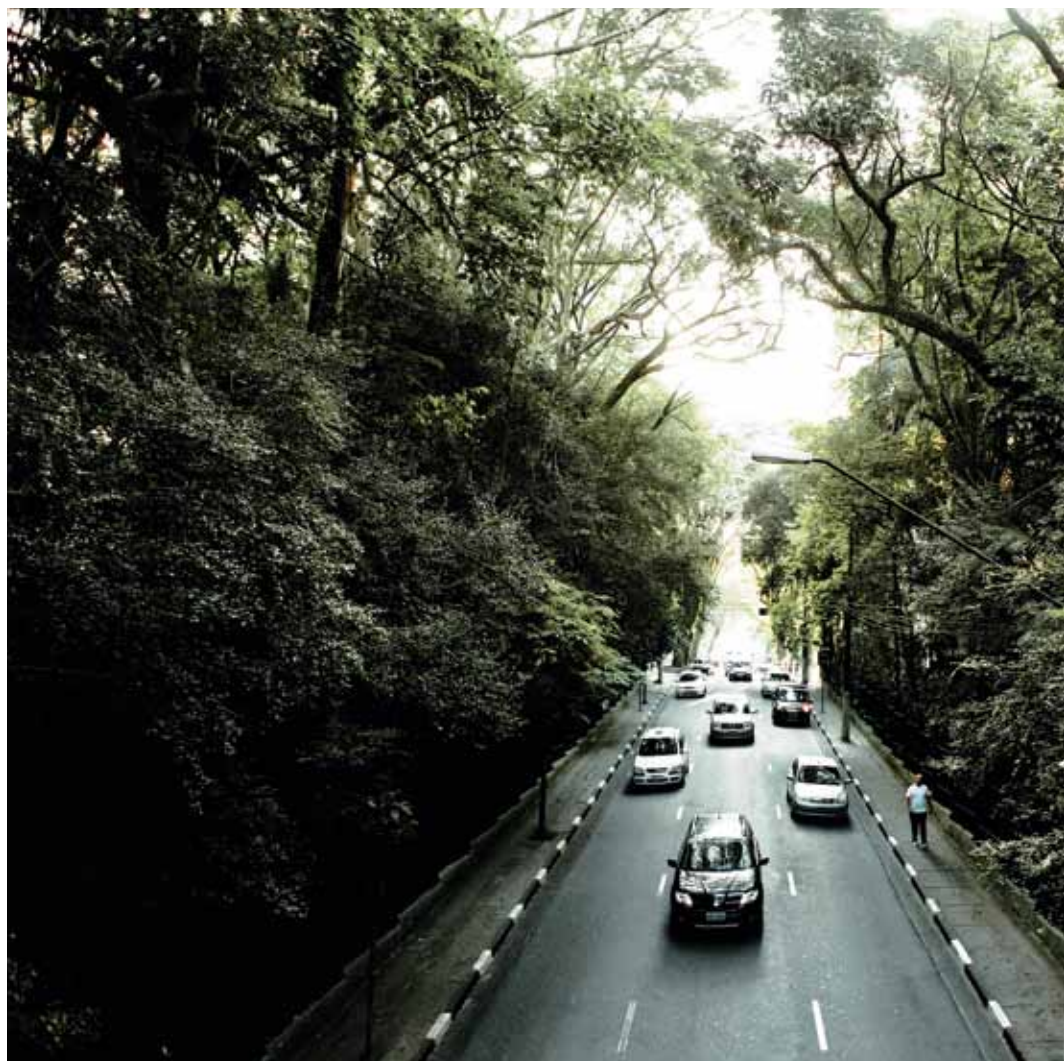
EDUCAÇÃO , PELA FLORESTA

Quem não aprendeu, nos bancos escolares, a saga da descoberta do Brasil pelos portugueses, em 1500? Graças a um desvio da rota para as Índias, a frota de navios comandada por Pedro Álvares Cabral lançou as âncoras na costa baiana, ficando dez dias na “nova terra”. Tempo suficiente para iniciar o contato com os índios e cortar as primeiras árvores, abrindo uma clareira na floresta onde uma gigantesca cruz em madeira foi erguida e houve a primeira missa campal, marco da posse do território.

Indício da visão predatória de então, a nau de Gaspar de Lemos, que também levou a carta de Pero Vaz de Caminha para Portugal, carregou toras de pau-brasil para o rei Dom Manuel I. Era uma valiosa matéria-prima da indústria têxtil, usada em tingimentos.

Menos conhecida é a história de Fernão de Noronha, que abocanhou o primeiro monopólio real na nova colônia. Por dez anos pôde extrair o “pau-tinta” em troca de defender as novas terras da cobiça de outras nações e pagar um quinto dos lucros à coroa portuguesa. O historiador Eduardo Bueno relata em seus livros algumas tentativas para disciplinar o corte dessa madeira, a começar pela primeira Carta Régia Brasileira, de 1542, que previu punições aos abusos.

Em vão. Estima-se que cerca de sete milhões de árvores dessa espécie foram derrubadas na costa brasileira até a segunda metade do século 19, quando se encerrou o ciclo econômico do pau-brasil. O desenvolvimento de culturas agrícolas, como cana-de-açúcar e, mais tarde, o café, associado à multiplicação das cidades, completaram a devastação. Em 1920, o pau-brasil chegou a ser considerado extinto. Hoje, temos menos de 7% da Mata Atlântica original, um dos principais biomas do país, conhecido pela riqueza de outros ambientes sob a mira da exploração, como o Cerrado e as florestas Amazônica e das Araucárias.



Vista do parque Trianon; encravado em plena avenida Paulista, em São Paulo, guarda remanescentes de Mata Atlântica

A visão predatória sobre a natureza acompanha o próprio Descobrimento do Brasil, em 1500. O pau-brasil, que deu nome ao país, chegou a ser considerado extinto em 1920.

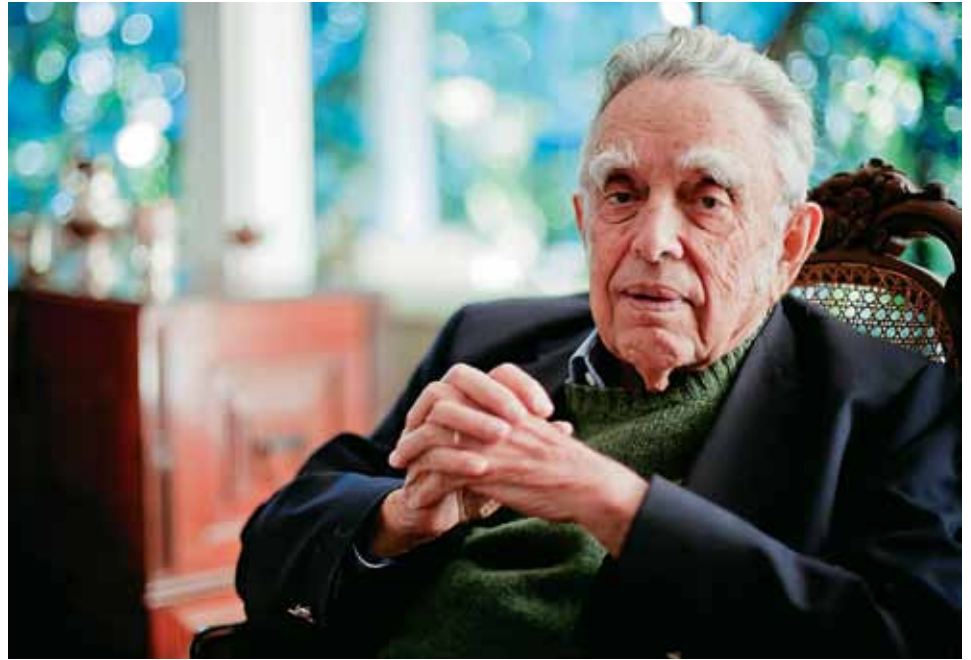
Atribuem-se a José Bonifácio de Andrada e Silva, orientador de D. Pedro I e patriarca da Independência, as primeiras observações de cunho ecológico que desembocaram em medidas conservacionistas, como as sugestões de criar uma guarda para a conservação de matas e bosques em 1820 e delegar poderes aos juízes da paz para fiscalizarem as matas no país, na Carta Régia de 1827. Antes de se tornar ministro dos negócios estrangeiros no reino, Bonifácio estudou em Coimbra com o naturalista Domenico Vandelli, de quem se tornou amigo e co-sogro, relata seu descendente, o ambientalista Paulo Nogueira-Neto, que foi Secretário Nacional de Meio Ambiente entre 1973 e 1986. “No meu livro eu conto que cometi um ato de nepotismo, ao designar José Bonifácio como patrono da Ecologia”, brinca, referindo-se ao recém-publicado “Uma Trajetória Ambientalista”, baseado em seus diários.

Para Nogueira-Neto, o conservacionismo é um fenômeno de origem urbana. “O homem do campo quer usar os espaços da natureza, enquanto as



“As árvores são a pele da Terra. Nenhum ser vivo sobrevive sem a pele, e, se elas desaparecerem, o planeta corre riscos.”

Carlos Solano, criador da campanha “Plante um milhão de árvores”



O ambientalista Paulo Nogueira-Neto, Secretário Nacional de Meio Ambiente entre 1973 e 86

peças da cidade entendem-na como paraíso perdido e pregam a proteção”, interpreta, ao lembrar os recentes embates em torno da reforma do Código Florestal brasileiro que mobilizaram a sociedade em pleno Ano Internacional das Florestas.

Idealizado pela Assembleia das Nações Unidas para fomentar a consciência pública sobre problemas nessa área e encorajar a difusão de experiências sustentáveis, o Ano Internacional das Florestas foi oficialmente deslançado em fevereiro de 2011, como uma continuidade ao Ano Internacional da Biodiversidade, explica Paulino Carvalho, chefe da divisão do meio ambiente do Ministério das Relações Exteriores. Se a repercussão não é tão grande, responde ele, talvez seja por ter como base da ação apenas uma declaração internacional das florestas que não impõe obrigações aos países signatários, como ocorre com as convenções do clima e diversidade biológica.

Proposto como responsabilidade do Fórum da ONU sobre as Florestas, o ano temático ganhou apoio da

Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), que em seu último relatório apontou perspectivas preocupantes para o setor. Segundo o documento, as florestas cobrem 31% da área terrestre, contêm 80% da biodiversidade do planeta e são fonte de subsistência para 1,6 bilhão de pessoas, identificando-se ainda uma tendência ascendente da exploração de seus recursos, hoje já atingindo quase um terço das florestas públicas ou privadas do mundo.

Só que o outro lado da exploração é a galopante degradação. Na última década houve perdas anuais de 13 milhões de hectares de florestas no mundo, seja pela conversão para outros usos, inclusive agricultura, ou por causas naturais. A América do Sul foi campeã, devido a incêndios florestais, pragas, desastres naturais, invasão de espécies exóticas, entre outros.

A boa notícia do relatório foi a identificação de outra tendência: o incremento de medidas pela conservação da biodiversidade e manejo sustentável dos ecossistemas. Cerca de 10% da área

AS FLORESTAS NO MUNDO

31%

da área terrestre é coberta por florestas

80%

da biodiversidade do planeta está nas florestas

1,6 bilhão de pessoas

têm a biodiversidade das florestas como fonte de subsistência

1/3

das florestas são exploradas comercialmente

Fonte: FAO, “State of the World’s Forests”, 2011. <http://www.fao.org/docrep/013/i2000e/i2000e00.htm>.



Panorama do Projeto Pomar, que já abrange 23 quilômetros de margens do rio Pinheiros, em São Paulo

florestal global foi transformada em áreas protegidas, como parques nacionais, visando conservar a diversidade, proteger recursos como solo e água ou preservar o patrimônio cultural.

Criado em 1893 para proteger uma área de mananciais, o Parque Estadual da Cantareira, que ainda hoje fornece boa parcela da água consumida na Região Metropolitana de São Paulo, espalha-se por quatro municípios – São Paulo, Mairiporã, Caieiras e Guarulhos. De um lado, enfrenta problemas como loteamentos irregulares. De outro, tem expressiva visitação pública nos núcleos Pedra Grande, Engordador e Cabuçu.

Cultura e extrativismo

A diversidade de vida nas florestas é útil ao “bicho-homem”, que tem nelas uma fonte de alimentos, medicamentos e garantia da preservação de recursos

naturais, como água potável. Não são o “pulmão do mundo”, como já se falou a respeito da Floresta Amazônica, mas podem ser entendidas como um “ar-condicionado”, por contribuírem para a estabilização do clima mundial. Mais que isso, os povos da floresta – moradores tradicionais desses ecossistemas – mantêm religiões, crenças e tradições espirituais que estabelecem vínculos com plantas e animais, gerando uma ligação profunda com o meio florestal, que é transmitida de geração em geração, destaca Celso Schenkel, coordenador das áreas de ciência e meio ambiente da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) no Brasil.

A Unesco, explica ele, é coadjuvante nos eventos promovidos em torno do Ano Internacional das Florestas. No entanto, ele observa que a chancela facilita a difusão de ações permanentes,

como o programa Homem e Biosfera, cuja parte mais visível está no acompanhamento de 450 Reservas da Biosfera existentes no mundo. Trata-se de um selo dado a áreas que contribuam para a conservação da biodiversidade, permitindo a realização de projetos demonstrativos que promovam o desenvolvimento sustentável. Além disso, o lema do ano, “florestas para o povo”, suscita o debate sobre a repartição de benefícios para a população local para o manejo sustentável, elogia Schenkel.

São ideias que vão de encontro a colocações da pesquisadora Sueli Furlan, professora do departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, que há cinco anos escreveu um artigo provocador, criticando uma visão predominante na legislação brasileira – a de que conservação ambiental seria sinônimo de áreas intocadas pelo



homem. Chamou de “florestas culturais” aquelas manejadas por povos tradicionais que compartilham os espaços, muitas vezes sem documentação de propriedade, e transmitem de geração em geração uma “ampla gama de formas de manejo que garantem a sustentabilidade e os múltiplos valores contidos nos usos das florestas”.

Na legislação brasileira, apenas reservas extrativistas teriam essa característica de florestas culturais, interpretou a pesquisadora, que encontrou cerca de 400 projetos com o viés do uso sustentável apoiados por instituições governamentais ou não governamentais na América Latina. Situados em geral nas florestas Amazônica e Atlântica, são predominantemente promotores de sistemas agroflorestais, que imitam a diversidade na natureza unindo árvores a cultivos agrícolas ou à criação de animais,

Projeto Pomar já atinge 23 km

O Projeto Pomar, rebatizado Pomar Urbano, nasceu em 1999 para associar a revegetação das margens do rio Pinheiros ao resgate da cidadania de desempregados que passaram a atuar na iniciativa. Coordenado pela Secretaria do Meio Ambiente do Estado, emprega parcerias com a iniciativa privada e hoje beneficia 23 quilômetros de margens do rio. Segundo o coordenador Roberto Rosa, é um exemplo de promoção da sustentabilidade “sem fazer muito barulho”.

gerando renda e segurança alimentar sustentavelmente (leia mais à pág. 22).

Gerir um território com foco na sustentabilidade e bem-estar de seus habitantes exige a compreensão dos serviços ambientais que os ecossistemas florestais propiciam gratuitamente, emenda Rodrigo Victor, diretor-geral do Instituto Florestal do Estado de São Paulo. Exemplo típico, diz, está no custo da construção de piscinões em áreas de inundação nas cidades, que não fazem mais que substituir um serviço oferecido pelas várzeas dos rios. Ao ocupá-las com avenidas e bairros, o terreno torna-se impermeável, favorecendo as enchentes.

Num passado não tão distante, lembra ele, o uso intensivo de recursos naturais foi exaltado como favorável ao bem-estar humano. Hoje vivemos as consequências dessa filosofia, que podem se agravar, caso não se invista na prevenção, resultando em mais perdas na qualidade do ar, dos solos, da água, bem como a multiplicação de desastres naturais, favorecidos pelo fenômeno do aquecimento global.

Sofre também a biodiversidade das florestas, acrescenta Nogueira-Neto, que destaca um efeito maligno das mudanças climáticas, que nunca foram tão velozes como agora. Antigamente, se São Paulo se tornasse mais quente, exemplifica, as espécies vivas teriam séculos para se deslocar, reacomodando-se em regiões mais frias. Hoje, a rapidez redundava em extinção.

Mudança de atitude

Ex-coordenador da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Região Metropolitana de São Paulo – território de 1,7 milhão de hectares que abrange 73 municípios na Grande São Paulo e Baixada Santista –, Rodrigo Victor propõe a sensibilização para a percepção ambiental como primeiro passo para induzir os valores e atitudes conservacionistas. É o que ocorre, segundo ele, com o programa Jovens e Meio Ambiente, que formou 3.000 jovens de baixa renda desde 1995, em 15 núcleos de formação ecoprofissional

estabelecidos dentro desta reserva.

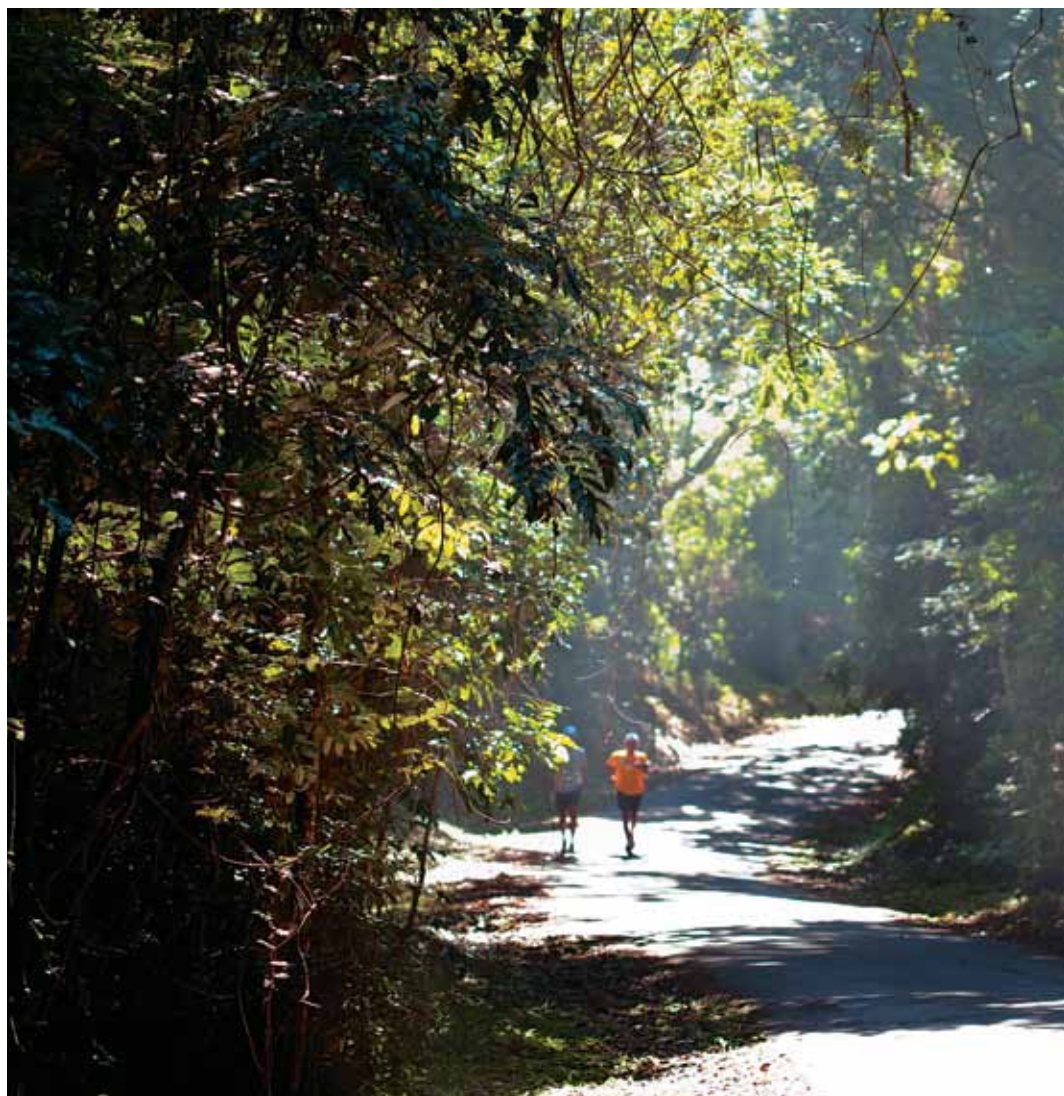
Selecionados em escolas públicas locais, esses jovens de ensino médio estudam durante quatro semestres no horário alternativo ao da escola, saindo aptos a trabalhar com agricultura orgânica, reflorestamento e recuperação ambiental, reciclagem ou turismo sustentável. “Repassamos a metodologia a parceiros locais nos municípios, que a adaptam para a sua realidade”, explica.

Em muitos casos, a mobilização através de redes sociais tem potencializado programas de plantio e de conscientização. Em pouco mais de dez anos a Fundação SOS Mata Atlântica proporcionou o plantio de 22 milhões de árvores nativas no país, comemora Mario Mantovani, diretor de Políticas Públicas, referindo-se a dois programas da ONG que se apoiam na triangulação com empresas e indivíduos para alcançar esse resultado.

Lançado em 2000, o Clickarvore usa os clics de internautas para gerar uma pontuação, que resulta na doação de mudas, pagas por empresas. Para recebê-las gratuitamente, proprietários de terras também se inscrevem no site, comprometendo-se a zelar por elas durante o crescimento. Embarcando na tendência de neutralizar as emissões de carbono, outro programa, o Florestas do Futuro, nasceu em 2004, com um custo maior por árvore plantada, pois abarca o plantio e acompanhamento técnico nos primeiros anos de vida da futura árvore, seja em reservas legais ou em áreas de preservação permanente. O sucesso das propostas, afirma Mantovani, deve-se à adoção de novas linguagens da comunicação, sobretudo as redes sociais, que atraem um público jovem e engajado.

Educação

Vivemos um tempo em que os problemas socioambientais nos desafiam a usar a imaginação e aumentar nossa capacidade de participar e decidir sobre o presente e o futuro, contrapõe Rachel Trajber, coordenadora-geral de Educação Ambiental no Ministério da Educação (MEC), ao mencionar um



A sensibilização para a percepção ambiental é considerada por especialistas como um primeiro passo para induzir valores e atitudes conservacionistas.



processo em andamento, que visa transformar instituições de ensino médio em incubadoras de mudanças concretas da realidade social, sob a ótica da sustentabilidade.

Viabilizado pelo programa Universidade Aberta do Brasil, o processo envolveu 140 escolas e 1.500 participantes, orientados à distância por equipes das universidades federais de Ouro Preto, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, não sem antes realizar um encontro presencial com representantes de cada instituição participante, no SESC Pantanal.

Indo do local em direção ao global, os participantes aprenderam primeiro a medir a pegada ecológica e mapear a qualidade de vida na escola, para então propor projetos de ecoeficiência e debater sobre uso de energia, água, transporte, consumo, alimentação, resíduos sólidos, justiça ambiental, visando a mudança de paradigma da escola.

“Ainda é cedo para resultados, mas, mais do que valorizar serviços ambientais da natureza, que atribuem um



Pedestres no Parque Estadual da Cantareira, criado em 1893 e que fornece boa parte da água consumida em SP; diversidade de animais e plantas fascina

valor econômico aos recursos naturais, preferimos reforçar o cuidado, como define o teólogo Leonardo Boff, isto é, a atitude cuidadosa, protetora e amorosa para com a realidade”, afirma a coordenadora, defendendo a coerência entre o dizer e fazer (integridade), e a noção da responsabilidade, que a sustentabilidade pode inspirar.

A oportunidade de nos depararmos com a impávida beleza até mesmo de uma pequena flor desmonta a prepotência da visão consumista do mundo, prega o educador Marcos Sorrentino, da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz). Qualquer outra formação vegetal, que podemos chamar de floresta, tem em si um potencial em direção à sustentabilidade, servindo como espaço educador sustentável, diz ele, recordando a definição em uma publicação do Ministério do Meio Ambiente em 2005, quando ele dirigia o Departamento de Educação Ambiental: espaços educadores são aqueles capazes de demonstrar alternativas viáveis para a sustentabilidade,

estimulando as pessoas a desejarem realizar ações conjuntas em prol da coletividade e reconhecerem a necessidade de se educarem neste sentido.

Quem se deixa absorver pela observação, professora Sorrentino, aprende a se maravilhar com a súbita visão de um esquilinho subindo na árvore e compreende que a vida é mais complexa do que aquilo que o ritmo acelerado das atividades e o consumismo nos induzem a pensar.

As possibilidades educadoras da floresta são infinitas, diz o especialista. Entre tantas atividades, é possível promover a colheita de sementes e a produção de árvores, diálogos, debates e ações de proteção, ou mesmo reflexões sobre a árvore que existe na semente que jogamos no lixo, ou sobre a relação entre todos componentes de um ecossistema florestal, que formam sistema diversificado, único e harmônico.

São movimentos que frutificam na compreensão da interligação de tudo na vida e no respeito pela diversidade em todas as suas dimensões. ■

IMAGINÁRIOS DA FLORESTA

Quais os valores que a sociedade brasileira, que vive majoritariamente em cidades, confere às áreas verdes, em especial quando se trata de florestas urbanas?

De paraíso perdido com o qual buscamos a religação à noção de uma mercadoria pela qual pagamos para usufruir, as respostas são variadas. Há quem tenha medo de se aproximar, por identificá-las com animais perigosos ou cenário de atos violentos. Pessoas bem informadas poderão expor sobre os serviços ecossistêmicos, como produção de água limpa, conforto climático, fixação de carbono, manutenção da biodiversidade. Outros ressaltarão seu potencial para o lazer.

Mas como fazer da floresta um ambiente atraente, amado e cuidado pelos habitantes da cidade? O caminho para o encantamento, explicam os professores Edmur Stoppa e Sidnei Raimundo, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, pode começar pela aproximação e o diálogo sobre como componentes de uma floresta participam do cotidiano da pessoa. Tem torneira em sua casa? De onde vem a água que sai dela? Que caminho fez, para chegar lá?

Ante uma árvore, mais que o nome científico, apontar usos medicinais, animais que dela dependem, uma lenda que ela inspirou. Estabelecer um fio condutor, uma teia de significados capaz de estimular a admiração pela complexidade da vida. “Compreender – com a mente e o coração – a dinâmica que sustenta esses grandes ecossistemas é uma das chaves para a construção de propostas e ações no rumo da sustentabilidade ambiental”, resumem, citando Luis Felipe César. Nesse sentido, três importantes iniciativas de conscientização e conservação têm multiplicado bons exemplos.

1 - Projeto Árvores Vivas

É o que a desenhista industrial Juliana Gatti decidiu começar em 2006, usando sua intuição. Amava reparar na diversidade de plantas urbanas e a vida que elas abrigavam em plena capital paulista. Inscreveu-se em cursos de jardinagem e paisagismo, aguçou seu olhar sobre detalhes. Criou o Projeto Árvores Vivas, um “turismo das árvores acessível a todos os públicos”, como diz. A proposta evoluiu, gerando novas atividades, como o mapeamento da diversidade vegetal de determinados perímetros urbanos – a quadra onde fica uma unidade do SESC, por exemplo – e a pesquisa cultural-histórica-científica sobre a relação entre o espaço observado e o bicho homem.

Andando com pessoas, Juliana descobriu que destacar a forma é mais importante que o nome científico. Cada árvore é única, com suas folhas, flores e frutos. Mas raramente as pessoas repararam até mesmo por quantas árvores transitaram, para ir de um ponto até o outro. Quem não olha, não cuida, diz. “O estado de alerta muda a percepção. As pessoas passam a reconhecer as árvores do dia a dia, aprendem que é permitido tocar nelas. A situação vivencial pode estimular novas atitudes”.

Aos primeiros passeios verdes que conduziu, no entorno do Sesc Consolação, vieram menos de cinco pessoas. Não desanimou. De boca em boca a notícia se espalhou, o público aumentou. Juliana animou-se com os olhares investigativos e curiosos. Vamos fazer um diário de folhas no caderno? Um decalque com elas? Observar sementes, folhas, a textura da madeira? Que tal tocar nas árvores, tentar saber mais, se a espécie é nativa, se abriga animais e quais? De repente deparavam-se com uma grande árvore sob uma fiação elétrica, “atrapalhando” o espaço urbano. Nunca mais esqueceriam a lição de não plantar sem planejar, para não gerar transtornos no futuro.

Passou a desenhar mapas do verde, que disponibiliza no seu blog. Numa atividade com a prefeitura, formou



A percepção das formas e da teia de significados que emana das árvores pode ser um instrumento mais rico de conscientização do que saber os nomes científicos das plantas, defendem ativistas

monitores como guias de apoio, muitas vezes biólogos. Viraram multiplicadores. Em 2010, fruto de um esforço voluntário, e o apoio de parceiros e da secretaria municipal do Verde e do Meio Ambiente, promoveu a semana cultural das árvores no Parque da Luz, coração da capital paulistana. Quer repetir a dose em 2011, dessa vez com patrocínio para as atividades.

Somos uma sociedade da informação, e é a expectativa de aprender que atrai para o passeio, propõe Juliana. Porém, o bom resultado decorre

da sensibilização, que leva a abrir o coração para apreciar a natureza. Não precisamos fugir da cidade para alcançar isso, basta se apropriar dos elementos naturais, como a árvore no nosso caminho, informa.

2 - Um milhão de árvores

Durante o crescimento, as árvores absorvem dióxido de carbono (CO₂), gás liberado por veículos e indústrias que se tornou o vilão do aquecimento global. Prever seu cultivo tornou-se item obrigatório para combater as mudanças climáticas. Numa casa, elas embelezam o ambiente. Na cidade, são purificadoras naturais do ar e contribuem para que a temperatura ambiente seja mais agradável.

Com esses argumentos, o arquiteto mineiro Carlos Solano pensou em criar, também em 2006, a campanha “Plante um milhão de árvores”. Inventou um projeto interativo, com um site que permitia o envio de depoimentos e fotos das árvores, e a contabilização das plantadas por internautas. Naquela época, a ONU pregava o plantio de um bilhão de árvores para frear as mudanças climáticas. De sua Minas Gerais, Solano atingia milhares de pessoas como colunista de uma revista mensal e professor do curso intitulado “Casa Natural”. Ganhou divulgação espontânea na mídia e em poucos meses já eram 25 mil plantios.

Mais que resultados globais, diz ele, o ato de plantar mostra ao indivíduo a importância de pequenas atitudes do dia a dia que, quando multiplicadas por milhares de pessoas, fazem a diferença no contexto planetário. “As árvores são a pele da Terra. Sabemos que nenhum ser vivo sobrevive sem a pele, e, se elas desaparecerem, o planeta corre sérios riscos. Mas é importante pesquisar antes sobre o tamanho da árvore adulta e o das raízes, para escolher a planta certa para cada lugar, dando preferência às nativas da região”, prega.

3 - Olho verde

Filho de pais italianos que mostravam



Atividade ligada ao projeto Árvores Vivas no parque da Luz, na 1ª Semana Cultural das Árvores

que na vida nada vem de graça, e que aquilo que temos devemos cuidar para não perder, Mario Moscatelli apaixonou-se pelos manguezais ainda adolescente, no início dos anos 1980, ao mergulhar no meio das árvores do manguezal do Ariró e Jurumirim, em Angra dos Reis (RJ). Depois veio o curso de Ciências Biológicas e o choque com a degradação dessa floresta protegida por lei, sobretudo por causa da cobiça imobiliária. Convidado a chefiar o departamento de controle ambiental do município em 1989, foi várias vezes

SAIBA MAIS SOBRE OS PROJETOS

ÁRVORES VIVAS

www.arvoresvivas.com.br

PLANTE UM MILHÃO DE ÁRVORES

www.ummilhaodearvores.org.br

OLHO VERDE

www.biologo.com.br/olhverde

ameaçado de morte, até pedir exoneração. “Botei pra quebrar, quem saiu quebrado fui eu”, resume.

“O sofrimento serviu para alguma coisa”, deduz o ativista, que foi descobrindo novos modos de divulgar a importância do mangue, intimidar ações de degradação, gerenciar e recuperar esses ecossistemas. Em 1990, deslocou suas observações para a Lagoa Rodrigo de Freitas, cartão postal do Rio de Janeiro. Notou o despejo de esgotos não tratados em suas águas. Mas não bastou denunciar, foi preciso esperar por mortandades de peixes para gerar a mobilização pública que obrigou a companhia de águas a assinar um termo de ajuste de conduta, promovendo obras para evitar a poluição. As mortandades deixaram de ser praxe, passou-se o tempo, a biodiversidade aumentou e o mangue se recompôs.

Tudo isso sem deixar de lado a ação de “fiscal ambiental”, fortalecida pelo projeto Olho Verde, que idealizou em 1997. São sobrevôos sistemáticos sobre o Sistema Lagunar da Baixada do Jacarepaguá, a Baía do Guanabara e a própria Lagoa, para localizar os agressores dos manguezais. Primeiro, voava com ultraleve, apoiado pelo clube de aeronáutica na Baixada de Jacarepaguá, depois conseguiu helicópteros emprestados por gente preocupada com a degradação ambiental, finalmente conseguiu realizar vôos mensais, com suporte de pessoas físicas e jurídicas. O resultado entra num blog, que permite ver o antes e agora.

Pessimista na análise da conjuntura, mas otimista na ação, Moscatelli associou o ativismo ao cargo de professor do Centro Universitário da Cidade, até descobrir um linfoma em 2008. Hoje, dedica-se à sua empresa, Manglares, de consultoria ambiental, sem abandonar a missão de lutar pela proteção e recuperação dessas florestas. Em suas palavras: “Não tem saída. Em curto prazo conscientização, recuperação, fiscalização e repressão. No longo prazo, educação de qualidade. O resto é conversa”. ■

intervenção

Flor do Mangue

escultura em madeira
retirada de local desmatado,
em exposição no Palacete
das Artes Rodin-Bahia, em
Salvador

“A natureza
deu-me a força,
devolveu-me o
prazer de sentir,
de pensar, de
trabalhar, de
sobreviver.

Quando estou na
natureza, eu
penso a verdade,
eu falo a verdade,
eu me exijo
verdadeiro”

Frans Krajcberg





Hoje, vivemos dois sentidos da natureza: aquele ancestral, do “concedido” planetário, e aquele moderno, do “adquirido” industrial e urbano. Pode-se optar por um ou outro, negar um em proveito do outro; o importante é que esses dois sentidos da natureza sejam vividos e assumidos na integridade de sua estrutura antológica, dentro da perspectiva de uma universalização da consciência perceptiva - o Eu abraçando o mundo, fazendo dele um uno, dentro de um acordo e uma harmonia da emoção assumida como a única realidade da linguagem humana.

Manifesto do Rio Negro, 1978
Pierre Restany, Sepp Baendereck, Frans Krajcberg

Grito pela natureza

Redigido em 1978, durante uma incursão à Floresta Amazônica, o Manifesto do Rio Negro, que propôs uma nova consciência ambiental e existencial, ainda é essencial para quem quer mergulhar na obra de Frans Krajcberg, que acaba de completar 90 anos, em meio um turbilhão de eventos. Só em Salvador, houve

a mostra-homenagem “Grito – Ano Mundial da Árvore” no Palácio de Artes Rodin - Bahia, o lançamento do livro “Frans Krajcberg – Natureza”, com textos de Thiago de Mello, José Antônio Saja, e Renata Rocha; e de um novo documentário sobre ele, que doou ao Estado seu acervo, que servirá à criação do Museu Ecológico Frans

Krajcberg, na capital baiana.

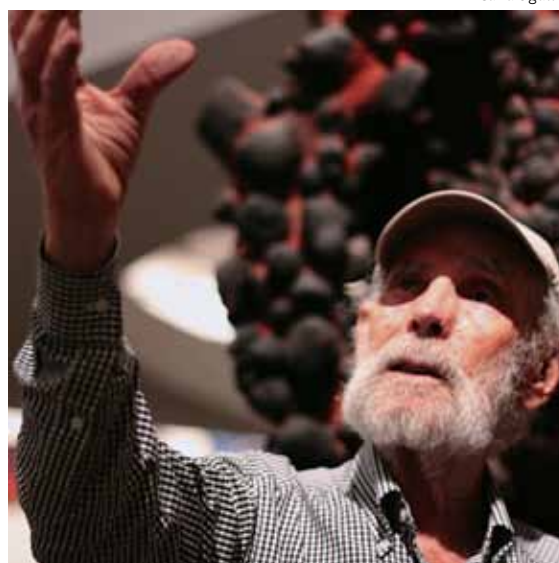
“Minha obra é meu grito”, professa o artista, que nasceu cidade de Koziénice, na Polônia, cursou engenharia e artes e foi oficial da armada polonesa na 2ª Guerra Mundial, depois ver toda a sua família ser morta em Varsóvia. Após a guerra, partiu só para Stuttgart, na Alemanha,





Mateus Pereira/divulgação DIMUS

Carla Ogawa



No alto e acima, o artista polonês Frans Krajcberg comenta suas obras na exposição *Natura*, realizada pelo MAM-SP (Museu de Arte Moderna de São Paulo) em novembro de 2008; ao lado, escultura sem nome exposta no Palácio de Artes Rodin - Bahia

onde estudou com Willi Baumeister, mestre da Bauhaus. Incentivado pelo amigo Marc Chagall, chegou ao Brasil em 1948 e se naturalizou em 1957, ano em que conquistou o prêmio de melhor pintor brasileiro na Bienal.

Viveu em São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Amazônia. Em 1972, encantou-se com a pequena Nova Viçosa, no sul da Bahia. Estabeleceu-se no Sítio Natura, mas não parou de se locomover. Até hoje, são constantes as viagens para a Europa, sobretudo Espanha e França (que também o homenageará com exposições), e pelo Brasil.

Das idas à Amazônia, traz pedaços de troncos, raízes e galhos calcinados pelos incêndios florestais, matéria-prima para relevos e enormes esculturas. “É a minha colaboração mostrando a destruição pelo fogo que o homem pratica contra as árvores, o barbarismo contra a floresta e de seu povo”, diz. “O planeta não percebe que a vida do planeta corre risco. Isso é cada vez mais preocupante. Por isso, repito: precisamos ver de perto esse perigo; construir uma vida mais humana”, arremata o artista. ■

OS PRIMEIROS PASSOS

1921 - Nasce a 12 de abril em Kozenice (Polônia) de uma família de comerciantes pobres. É o terceiro de cinco filhos.

1939 - É preso durante a guerra em Czystochava, perto da fronteira alemã. Consegue fugir.

1940-41 - Estuda Belas Artes e engenharia em Leningrado.

1941-45 - Com a invasão da Rússia, entra para o Exército Vermelho e se torna oficial. Toda a sua família morre durante o Holocausto.

1948-54 - Estuda na Alemanha e na França até decidir vir para o Brasil, onde dirige as obras da Primeira Bienal de São Paulo.

1954 - Trabalha no Paraná, onde tem o primeiro contato com florestas brasileiras - o que transformará sua vida.

1960 - Progressivamente, expõe seus trabalhos no mundo inteiro - movimento que se intensificaria nas décadas seguintes.

No fim da década, muda-se para Nova Viçosa, no sul da Bahia, onde vive até hoje.

Em seu sítio, com uma área de 1,2 km² com resquícios de Mata Atlântica, plantou mais de dez mil mudas de espécies nativas.

Economia sustentável

Lógica da floresta intocável cede espaço à ideia de que é possível gerar renda conservando as áreas verdes

Os donos de 95 propriedades rurais de Extrema, cidade de 30 mil habitantes localizada no sul de Minas Gerais, a cerca de 100 quilômetros de São Paulo, têm, desde 2005, uma fonte de renda a mais: recebem anualmente da prefeitura R\$ 187 por hectare de terra. Eles estão cadastrados num projeto que o município mineiro

foi o primeiro a implantar no Brasil, no âmbito de um programa que vem ganhando entusiastas entre economistas, ambientalistas, gestores públicos e ruralistas: o pagamento por prestação de serviços ambientais.

A remuneração se dá por meio do Projeto Conservador das Águas: o proprietário rural assina um termo de compromisso com o poder municipal e se compromete com a adoção de práticas de conservação do solo, com a implantação de sistema de saneamento ambiental rural e com a manutenção de APPs (Áreas de Preservação Permanente) e de reservas legais.

Pelo sistema, o dono da terra disponibiliza a área para a recomposição da Mata Atlântica, protege as nascentes e, em contrapartida, recebe dinheiro. O financiamento e a gestão das ações ficam por conta do poder público e dos vários parceiros do projeto, públicos e privados.

“Já plantamos mais de 200 mil mudas”, comemora o secretário municipal do Meio Ambiente de Extrema,

Paulo Pereira. “Trabalhamos dez anos para construir esse modelo”, diz. Hoje, a área que abrange o projeto tem cerca de 3.000 hectares, que contam com mais de 100 espécies de árvores nativas.

O Índice Mineiro de Responsabilidade Social (IMRS), da Fundação João Pinheiro – que analisa sete indicadores de qualidade de vida nos 853 municípios de Minas Gerais –, classifica Extrema como a primeira do Estado no indicador “meio ambiente”.

Segundo Fernando Veiga, gerente de serviços ambientais da TNC Brasil (The Nature Conservancy, uma das mais antigas organizações ambientais do mundo, presente em mais de 35 países), o exemplo de Extrema já foi levado a Apucarana (PR) e também começou a ser aplicado por governos estaduais. O primeiro foi o do Espírito Santo, em 2007, seguido pelo de Minas Gerais e pelo de São Paulo. O Paraná lançará o seu ainda neste ano.

Projetos como esse se inserem em um contexto maior de preservação e





O PROJETO OÁSIS, mantido pela Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza, elegeu as bordas das represas Guarapiranga e Billings, na Grande São Paulo, para ações conservacionistas. A empresa remunera produtores rurais por hectare preservado nessas áreas.



movimentam a economia de maneira sustentável. De acordo com a TNC, o próximo passo é a discussão de uma lei no Congresso que organize e coordene o programa nos Estados, de modo a remunerar a manutenção da floresta em pé – produtora de água para a população, já que os projetos difundem o conceito de manejo integrado de vegetação, solo e água nas bacias hidrográficas.

“Atualmente está em discussão no Congresso a Lei Nacional de Pagamento de Serviços Ambientais”, diz Veiga. “A expectativa é boa, pois esse assunto é muito bem visto nos setores rural e ambientalista.”

Só que, na visão da TNC, conservar os 12% de remanescentes florestais existentes na Mata Atlântica não é o suficiente para a manutenção da biodiversidade e dos serviços ambientais do Brasil. Diante disso, é preciso atuar em outras frentes.

Consumo

Um elemento fundamental na busca pela verdadeira sustentabilidade é o do consumo responsável. Segundo a ONG internacional Global Footprint Network, que se dedica a mensurar a relação entre consumo e recursos naturais na Terra, no ritmo atual o planeta leva um ano e meio para recuperar o que é consumido pela humanidade em um ano. A ONG leva em conta tanto o consumo de madeira e alimentos como a geração de energia e de resíduos, entre outros fatores, e alerta para a crescente velocidade com que os recursos globais irão se exaurir se o ritmo de consumo não for repensado.

Se hoje já precisamos de 1,5 planeta Terra para compensar nosso ritmo de consumo, em 20 anos serão necessárias duas Terras, diz o último relatório da organização, de 2010. E, se o mundo todo tivesse o padrão de vida norte-americano, a sociedade mais consumista do planeta, hoje já demandaríamos 4,5 Terras para nos suprir de água, alimentos, madeira, energia, ar puro e outros recursos naturais. A essa preocupação soma-se outra, ligada à forte expansão dos níveis de produção industrial e de consumo

4,5

planetas Terra seriam necessários, hoje, para suprir as demandas da humanidade por recursos como ar, água, alimentos e madeira se a humanidade inteira tivesse o mesmo padrão de consumo dos EUA.



Ações de inventário e manejo florestal do Projeto Jari, no norte do Pará, considerada a maior área de manejo de floresta certificada no mundo

na China, país que desponta como a segunda maior economia do planeta.

“O apetite humano por recursos pode ser ilimitado, mas a capacidade do planeta de sustentar essa demanda é finita. À medida que pressionamos essa relação estamos não apenas colocando nossa espécie em risco mas também sabotando nosso bem-estar e capacidade de sobrevivência”, raciocina o suíço Mathis Wackernagel, presidente da organização.

Em outras palavras, não há como pensar em sustentabilidade só sob o prisma do replantio florestal, da extração seguida pelo recuperação. Esse é o passo inicial. O ritmo de extração hoje, ditado pelo consumo crescente, já demanda mais do que um planeta

para ser repostado a tempo de satisfazer os desejos materiais da humanidade.

Produção agroflorestal

Paralelamente ao esforço de conscientização sobre a insustentabilidade do atual paradigma de consumo, os plantios florestais têm se destacado como principal alternativa para recuperar áreas desmatadas, afirma Tasso Rezende de Azevedo, engenheiro florestal, consultor para florestas e clima e ex-diretor-geral do Serviço Florestal Brasileiro. Segundo ele, a utilização de madeiras plantadas, principalmente nas atividades de consumo energético e de processamento industrial, contribui de maneira decisiva para reduzir a pressão sobre a floresta nativa.

“O essencial é haver mecanismos de reconhecimento da função econômica dessas áreas.”

Eduardo Schubert, diretor-executivo do Instituto Akatu, concorda. “A preservação do tipo ‘não-me-toque’ não é a resposta”, diz. “A madeira é um bem muito valioso, que pode ser obtido sem exterminar a floresta.” A saída, para ele, é o manejo sustentável. “O governo está incentivando que as áreas públicas sejam exploradas dessa maneira.” Segundo Schubert, dependendo das espécies presentes em uma região, o metro cúbico de floresta pode valer cerca de mil dólares. “A floresta ‘de pé’ vale muito mais do que a derrubada”, conclui. Em todos os aspectos.

No país, pelo menos dois programas se destacam nesse sentido. Um deles é o Café com Floresta, do IPÊ (Instituto de Pesquisas Ecológicas) – leia mais sobre ele na pág. 28. O outro é o Projeto Jari, considerado modelar pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). A Orsa Florestal, do Grupo Orsa, é responsável pelo trabalho, que faz o manejo de 545 mil hectares de florestas

A mudança climática pode custar 20%

do PIB mundial ao ano, segundo cálculos da organização internacional TNC. De acordo com a ONG, prevenir, e não remediar os efeitos do aquecimento global, custaria muito menos: 1% do Produto interno Bruto de todas as nações.



na Amazônia desde 2003.

Essa é, segundo Kátia Regina Silva, gerente de manejo sustentável da Orsa Florestal, a maior área de manejo de floresta certificada do mundo. O local, no norte do Pará, na divisa com o Amapá, tem a certificação do FSC (Forest Stewardship Council), o que garante o cumprimento de normas socioambientais internacionais.

Para cumprir essas normas são aplicadas técnicas de operação de baixo impacto para o meio ambiente, que permitem conciliar o uso da floresta com a sua preservação. Funciona da seguinte maneira: a área toda foi dividida em 30 lotes de aproximadamente 15 a 28 mil hectares. Todo ano é feito o manejo de determinada área, derrubando apenas as árvores que interessam. Quando o trabalho acaba, essa área é deixada “descansando” por 30 anos – período do ciclo de manejo.

O projeto produz madeira tropical serrada e beneficiada a partir de cerca de 20 espécies nativas comerciais. As técnicas de baixo impacto incluem extrair apenas duas ou três árvores por hectare (o equivalente a um campo



O apetite humano por recursos pode ser ilimitado, mas a capacidade do planeta de sustentar essa demanda é finita. Estamos sabotando nosso bem-estar e capacidade de sobrevivência



de futebol), e sempre as mais antigas. “Desta maneira, simulamos o que ocorre na natureza”, explica Silva. “As árvores mais velhas têm de cair para que o sol chegue às mais novas.”

Ela conta que foram implantados no local inúmeros projetos de pesquisa de técnicas de conservação do meio ambiente, conduzidos pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e por universidades do Brasil, da Alemanha e da Holanda. A companhia faz também um trabalho social – de geração de renda e educação ambiental – com as 98 comunidades que vivem na região.

Matemática complexa

Se o imperativo ético, social e de saúde pública da conservação é inconteste, por outro lado o valor econômico que essas iniciativas geram é difícil de calcular. Mas conhecê-lo seria essencial para “internalizar”, como diz Fernando Veiga, da TNC, a lógica de que o pagamento dos serviços ambientais e o investimento em preservação fazem sentido inclusive do ponto de vista econômico.

Intrigado por essa questão, o jornalista Ricardo Arnt entrevistou 15 dos principais economistas do país para saber se eles aceitam ou refutam as teses ambientalistas e para questionar o que os especialistas consideraram necessário, viável ou utópico. O resultado foi o livro “O que os Economistas Pensam sobre Sustentabilidade”. Segundo ele, houve um consenso em torno da percepção de que a sustentabilidade custa mais caro, mas é crucial. Mas não houve consenso sobre o custo e a remuneração da sustentabilidade, sobretudo em casos onde o impacto ambiental da produção não é contabilizado como “externalidade negativa”.

O conceito de “externalidade” é usado na economia para se referir a ações cujo impacto não é sentido diretamente em quem as realizou, mas sim em terceiros. Quando uma fábrica polui o ar, por exemplo, a poluição atinge comunidades vizinhas que não participaram da decisão de

poluir. Essa externalidade é negativa. Mas ela também pode ser positiva: caso da construção de um equipamento público que beneficia a todos.

“Quando uma mineradora descarrega lixo no rio que passa em seu terreno e polui a água de fazendas ou de comunidades 50 km mais abaixo, quem vai estabelecer o custo da externalidade negativa? Essa questão suscita muita divergência”, afirma Arnt.

“Em sentido amplo, para os economistas a natureza e seus recursos são destruídos porque, não pertencendo a ninguém, são depredados por todos. Cabe ao Estado promover a regulamentação necessária para defender os recursos naturais, porque o mercado não é capaz de se autorregular para buscar a sustentabilidade.”

Para lançar luz ao problema, um projeto da TNC em parceria com a WWF (rede independente de conservação da natureza) e com as universidades de Minnesota e Stanford (ambas nos EUA) desenvolve ferramentas para tentar fazer o cálculo financeiro da sustentabilidade. É o “Natural Capital Project” (www.naturalcapitalproject.org/home04.html).

Um exemplo: os efeitos das mudanças climáticas podem gerar custos anuais que variam de 5% a 20% do Produto Interno Bruto mundial, enquanto a sua prevenção (que inclui a preservação das florestas) custaria 1% do PIB por ano. “Nosso desafio é fazer com que a divulgação do benefício financeiro gerado pela conservação choque as pessoas”, afirma Veiga.

Repensar o modo de ver o desenvolvimento econômico é, sem dúvida, um desafio enorme para a humanidade. No Brasil, fazer isso de modo a conservar a maior floresta tropical do mundo é, para Eduardo Schubert, diretor-executivo do Instituto Akatu, um desafio gigante. “Falta regularização fundiária na Amazônia, região onde vivem cerca de 22 milhões de pessoas. Se o Brasil conseguir inibir a destruição dessa floresta, será a única nação do mundo a fazer isso.” ■



Alimentos orgânicos em feira realizada aos sábados no Parque da Água Branca, em São Paulo

PRODUÇÃO DE ORGÂNICOS CRESCE 30% AO ANO

Atentos à crescente demanda por alimentos mais sustentáveis e saudáveis, que não degradem ecossistemas locais, cada vez mais produtores têm aderido ao sistema de agricultura orgânica. Esse setor, segundo dados do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) cresce cerca de 30% ao ano no país. Quase a totalidade – cerca de 90% – dos que adotam o método plantam no sistema de agricultura familiar, diz o órgão.

Em São Paulo, os agricultores de duas regiões já estão sendo obrigados a substituir a produção convencional pela orgânica, com a criação de parques estaduais na Serra da Cantareira e a instituição do Programa Guarapiranga Sustentável, resultado de uma

parceria da Secretaria do Meio Ambiente com a Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Este último prevê o fortalecimento de canais especializados de comercialização e, conseqüentemente, a valorização dos produtos da região.

“Essa política pública estadual está colocando em evidência o verdadeiro significado do sistema produtivo orgânico, que é o conjunto de ações recuperadoras, preservadoras e mantenedoras da qualidade da vida dos ecossistemas locais”, afirma Ondalva Serrano, presidente da AAO (Associação de Agricultura Orgânica).

Segundo ela, ainda não existem dados estatísticos confiáveis sobre o setor, mas há “muitos agricultores orgânicos se organizando para obter certificação”. Estima-se, porém, que 70% da produção orgânica do Brasil seja atualmente exportada, de acordo com ela. ■



Veja a programação completa em sescsp.org.br

Destaques da programação do SESC

Renata Albuquerque - setembro/2010

Passeio: **Passeio Verde**

SESC Osasco. Av. Sport Club Corinthians Paulista, 1.300, Jardim das Flores. Dia 12, domingo, às 14h. Retirada de senhas 30 min. antes. Grátis.

Passeio pelos jardins do SESC Osasco e região que propiciará aos participantes a apreciação das árvores da localidade. Serão observados as características ecológicas, os benefícios e produtos que elas oferecem. Com Juliana Gatti, do projeto Árvores Vivas.

Exposição: **“Olhar Intimista”**

SESC Thermas de Presidente Prudente. Rua Alberto Peters, 111. De 31/5 a 3/6. Terça a sexta, das 8h15 às 19h30. Sábados, domingos e feriados, das 9h15 às 17h30. Área de convivência. Grátis.

Provocar o observador para um olhar intimista sobre a natureza, através de um diálogo entre luz e sombra. O objetivo da exposição, da artista plástica e poetisa Ana André, é ampliar horizontes estabelecendo diálogos entre a linguagem da arte e a educação do olhar para celebrar o papel vital que as florestas exercem sobre as nossas vidas.

Palestra: **O Mercado como instrumento de conservação da Mata Atlântica**

SESC Taubaté. Av. Engenheiro Milton de Alvarenga Peixoto, 1264, Esplanada Santa Terezinha. Dia 16, quinta, às 19h30. Grátis.

Apresentação do programa Mercado Mata Atlântica, que visa identificar, qualificar e promover negócios sustentáveis de empreendimentos comunitários, agricultores familiares e médias e pequenas empresas, apoiando 3.000 famílias. Com Marcéu Pereira, do programa “Mercado Mata Atlântica - RBMA”.



Ação do projeto Árvores Vivas no parque da Luz, em São Paulo

Bate papo: **Narrativas da Amazônia**

SESC Pompeia. Rua Clélia, 93, São Paulo. Dia 5, domingo, 15h. Grátis.

Bate papo que se propõe a discutir a relação existente entre os povos da floresta e a mata, passando por temas como valores materiais e imateriais atribuídos à floresta e aspectos de políticas ambientais, diversidade cultural, cidadania e movimentos sociais. Com Senilde de Alcântara Guanaes, antropóloga e professora da Universidade Federal da Integração Latino Americana.

Bate papo: **Os excluídos da floresta e da cidade**

SESC Santo André. Rua Tamarutaca, 302. Dia 15, quarta, às 14h. Grátis.

Apresentação de realidades ambientais distintas, com discussão mediada por lideranças de projetos focados na sustentabilidade e no desenvolvimento social, envolvendo comunidades ribeirinhas da Amazônia e urbanas do ABC, com seus contrapontos e semelhanças.

Oficina: **Da floresta para a mesa: a história gastronômica do cambuci**

SESC Araraquara. Rua Castro Alves, 1315. Dia 4, sábado, 10h30. Grátis. 60 vagas. Inscrições na central de atendimento.

Fruto legitimamente brasileiro originário da Mata Atlântica, o cambuci tem saído da floresta e passando a conquistar espaço na gastronomia. Nesta oficina o público vai conhecer um pouco sobre esse fruto, suas histórias e algumas possibilidades de preparo. Com a participação de Eryka Bastos, chef de cozinha.

Oficina: **Culinária da Floresta**

SESC Belenzinho. Rua Padre Adelino, 1000, São Paulo. Dia 28/6, terça, às 19h30. Ingressos à venda pela rede INGRESSOSESSESC a partir de 1/6.

A atividade explora ingredientes nativos das florestas brasileiras através da demonstração de prato típico. O cardápio evidencia a importância de alimentos oriundos das florestas brasileiras, explorando seus sabores e enriquecendo nossos paladares. Com o chef Paulo Machado.

CLÁUDIO PÁDUA: ADMINISTRADOR DE EMPRESAS E BIÓLOGO, É REITOR DA ESCOLA SUPERIOR DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE E VICE-PRESIDENTE DO INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS

“O Brasil tem vocação florestal”

Para o administrador de empresas e biólogo Claudio Pádua, a economia mundial do século 20 foi concebida em cima da utilização pura e simples dos recursos naturais, sem preocupação com sustentabilidade. “Mas hoje sabemos que isso não é possível”, pontua. Reitor da Escas (Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade), Pádua é vice-presidente do IPÊ (Instituto de Pesquisas Ecológicas), instituição responsável por um dos mais conceituados projetos agroflorestais do Brasil, o Café com Floresta, no Pontal do Paranapanema (SP).

Pádua tem doutorado em ecologia pela Universidade da Flórida em Gainesville (EUA), é pesquisador associado sênior do Centro de Estudos

Ambientais e de Conservação da Columbia University e diretor internacional de conservação do Wildlife Trust Alliance, ambos em Nova York (EUA). Atualmente ocupa o cargo de conselheiro do Fundo Brasileiro para Biodiversidade (Funbio) e do WWF Brasil. Nesta entrevista aos Cadernos de Cidadania SESC, ele defende a necessidade de trazer a floresta para o centro da economia, pensando em maneiras sustentáveis de extrair riquezas dela. Segundo ele, é preciso resgatar o paradigma de Brasil como país com vocação florestal.

SESC: Podemos considerar a biodiversidade da floresta brasileira como um patrimônio natural?

CLAUDIO PÁDUA: A floresta tropical é um patrimônio extraordinário, pois



ali dentro tem muita coisa. A maior parte dos medicamentos do mundo tem origem na floresta tropical. Além disso, a madeira é um importante produto econômico. Mas há uma consideração de que aquilo foi dado por Deus e que você pode destruir à vontade, e não se pensa em sustentabilidade a longo prazo. Isso acontece porque a economia do mundo no século 20 foi montada em cima da utilização pura e simples dos recursos naturais, e hoje sabemos que isso não é possível.

O Brasil é um país riquíssimo em biodiversidade, em florestas tropicais. Já gastou uma floresta inteira, a Floresta Atlântica, sem grandes avanços para a sua economia, e corre o risco de gastar a sua segunda floresta, que é a Amazônica, da mesma forma. Está na hora de fazer uma

“No século 20, começamos a abandonar a floresta por razões econômicas, esquecendo de uma parte importante da nossa cultura”

“Nada é isolado neste mundo. Tudo faz parte de um sistema, em que as florestas têm um papel fundamental em sua organização”



mudança. Se conseguirmos colocar a floresta de uma maneira sustentável no centro da economia, garantimos a sua sobrevivência.

A floresta pode ser também considerada um patrimônio cultural?

A floresta é um patrimônio cultural, não só para as comunidades que vivem nela, mas para o Brasil inteiro. A cultura brasileira foi construída com a floresta, com seus animais, com suas árvores. O nome do Brasil é o nome de uma árvore. A beleza da floresta tropical brasileira é de chocar.

Isso tudo está na cultura do Brasil. Faz parte do processo cultural do brasileiro, das nossas raízes. Todos viveram intensamente a floresta. Mas, no século 20, começamos a abandonar a floresta por razões econômicas,

esquecendo de uma parte importante da nossa cultura, que precisa ser revigorada, porque, se não tivermos orgulho disso, não conseguimos manter a floresta e protegê-la. É preciso ter uma postura ética, que venha do coração, com a floresta.

Como funciona a produção agroflorestal, que no Brasil tem como um de seus exemplos o Café com Floresta, do IPÊ (Instituto de Pesquisas Ecológicas)?

Agroflorestais são os projetos que misturam culturas com floresta. É um processo que nasceu não faz muitos anos e que está crescendo bastante no Brasil. O café é, originalmente, um produto de sombra de floresta, como o cacau. Na América Central, por exemplo, planta-se café na sombra da floresta. Nós fomos resgatar essa

história, porque o Brasil abandonou o café de floresta e resolveu criar variedades de sol, que sofrem muito mais as consequências das pragas e que requerem uso intenso de agrotóxicos.

É difícil a produção de café orgânico, e nós resgatamos isso. Fomos buscar variedades antigas de café do Brasil. No princípio não foi muito fácil de achar. Trabalhamos junto com as comunidades na construção do projeto. Não mais plantando na sombra da floresta, porque a floresta tinha desaparecido, mas usando a cultura como um motivador para o plantio florestal.

Onde funciona o projeto?

A maior parte está no Pontal do Paranapanema [área que abrange 32 municípios paulistas], onde atuamos há muitos anos. Começou há mais ou

entrevista

menos dez anos e já tem uma produção grande, vendendo café na região. Gostaríamos de vendê-lo internacionalmente, mas os produtores que estão conosco ainda estão querendo usufruir desse café antes de partir para uma exploração mais comercial.

Quais são os ganhos do projeto?

Isso faz parte de uma estrutura que aumenta a renda dos agricultores, que permite a produção de variedades orgânicas e gourmet. O bosque florestal que sombreia o café aumenta a sua produtividade e sua qualidade. Isso faz parte de uma estratégia de gestão de conservação da paisagem.

Chamamos esses bosques de “caminho das pedras”, numa alusão ao caminho das pedras para atravessar rios. Da mesma forma, o restante da biodiversidade – os morcegos, os polinizadores das plantas, aqueles que levam as sementes, a fauna – não conseguem atravessar de um fragmento florestal para outro quando a distância sem floresta é muito grande.

Mas, se você coloca esses bosques entre os fragmentos florestais, eles servem como caminho das pedras para essa fauna, fazendo com que a população da fauna e da flora regional se torne viável.

Um pequeno proprietário me disse: “Você não faz ideia da quantidade de aves que eu vejo aqui; tem arara, papagaio, espécies que eu não via havia anos”. Estão aparecendo porque encontraram um bosquinho florestal, onde o produtor ganha dinheiro com o café, onde ele tem alguma madeira, onde ele ganha com outras plantações, mas, acima de tudo, que compõe uma paisagem e que é bom para a biodiversidade e para o ser humano.

Quantos hectares já foram plantados nesses bosques?

Há três ou quatro anos, tínhamos cerca de 100 famílias envolvidas no projeto. Cada bosque tem 1 hectare [o equivalente a um campo de futebol] ou um pouco mais. Hoje deve ter mais do



Colheita no Pontal do Paranapanema, beneficiado pelo projeto Café com Floresta

que isso. Mas o importante não é isso. O importante é que está havendo uma mudança de paradigma.

Quais são as dificuldades para implantar um projeto como esse?

Primeiro, a mentalidade. Os pequenos proprietários, principalmente os da reforma agrária, saíram do mundo rural e foram para o mundo urbano. Voltaram muito desconfiados, porque, no mundo urbano, a história que você vê em revistas e na televisão é que a floresta é um lugar perigoso, tem bichos etc. Então as pessoas ficam com uma sensação de que a floresta não vale a pena.

Nós fizemos um grande trabalho de educação ambiental para ir aos poucos trabalhando com as pessoas numa nova cultura agroflorestal. A maior dificuldade é resgatar o paradigma florestal do Brasil. E o Brasil tem vocação florestal. Nós temos que ter orgulho disso e fazer isso acontecer.

O que a floresta pode oferecer para as cidades?

A floresta fornece produtos importantes para as cidades, agrícolas ou florestais. A biodiversidade está presente na vida de todo mundo. Até petróleo é biodiversidade, porque foi fauna ou flora que se fossilizou há milhões de anos. Mas, mais do que isso, os serviços ecossistêmicos que a floresta nos presta englobam a limpeza, a qualidade dos ecossistemas. E isso tem uma relação com o regime das chuvas, o regime climático, com a água que você bebe, com a qualidade do solo que a agricultura usa. Nada é isolado neste mundo. Tudo faz parte de um sistema, em que as florestas têm um papel fundamental em sua organização e sobrevivência.

Como desmistificar a ideia de que um ecossistema intacto é improdutivo ou um obstáculo ao desenvolvimento?

“A beleza da floresta tropical brasileira é de chocar. Isso tudo está na cultura do Brasil. Faz parte do processo cultural do brasileiro, das nossas raízes. De todas elas: nossas raízes indígenas, negras, europeias”

Nós não podemos viver sem três coisas: ar, água e comida. A qualidade do ar e da água tem uma correlação forte com a saúde dos ecossistemas. A comida tem uma correlação forte com as modificações que o homem faz nos ecossistemas. Então é preciso um balanço em que a gente reconheça que os ecossistemas são importantes para duas das coisas mais vitais para a nossa sobrevivência e que é necessária uma ação para ampliar a produção de alimentos. Os ecossistemas produzem alimentos, mas, dentro da vida moderna, não o suficiente. Mas é o balanço dessas coisas que permite a nossa vida no ecossistema.

Mas como introduzir a noção de que o ecossistema não é um obstáculo ao desenvolvimento?

A saúde dos ecossistemas não deve ser protegida com ênfase em comando e controle, ou seja, com leis que proíbem isso e aquilo. É preciso fazer uma inversão nessa história e passar a trabalhar por incentivos econômicos. Estou vendo isso caminhar em várias áreas, mas seria preciso acelerar muito mais.

A criação de incentivos econômicos para a proteção de ecossistemas, de forma que aqueles proprietários de terra que têm componentes importantes de algum ecossistema sintam-se recompensados por mantê-los dessa forma. Recompensados por uma razão ética, mas também por uma razão financeira, porque vivemos num mundo econômico e capitalista.

Como fazer para preservar as áreas verdes urbanas diante da pressão do mercado imobiliário?

Depende muito da ação do Estado. O que aquela população quer para aquela cidade? Todo mundo gosta de uma cidade arborizada, que tem bons parques. Mas o valor da terra é complicado, há muita disputa nesse sentido. Aí as prefeituras, os Estados e o governo federal têm que compor, senão cai numa coisa que chamamos de “tragédia do bem comum”. Quer dizer, o espaço público não tem um dono.



Detalhe da sede do Instituto de Pesquisas Ecológicas em Nazaré Paulista, São Paulo

“Precisamos de muita inovação para criar as condições da sociedade sustentável que o século 21 está demandando e que garantam a nossa sobrevivência. Não dá para vivermos da mesma forma que fizemos no século 20. Precisamos mudar”

O Estado nos representa como donos do espaço público de uma cidade. E o Estado tem o dever de impor que alguns espaços vão ser reservados ao bem-estar da coletividade, na forma de parques, de arborização e até de florestas.

O poder público está cumprindo esse papel adequadamente?

Em algumas cidades, sim, em outras, não. Tenho andado por regiões em que fico fascinado com a quantidade de parques e com a satisfação da população. Cidades planejadas, como Brasília, onde eu vivo uma parte do meu tempo, são muito arborizadas. E a população vive isso com muita intensidade, em qualquer que seja a classe social. Mas há municípios que se esqueceram disso e pagam um preço alto na saúde da população. Muitos pedaços de São Paulo são dessa forma.

Como fortalecer a cultura de sustentabilidade?

Aumentar o conhecimento das pessoas é relativamente fácil, como diz a minha mulher, que é educadora. Com técnicas educacionais você consegue isso. Mas mudar o comportamento é muito difícil. Há pessoas que sabem que não devem jogar lixo, mas jogam. Não conseguem mudar. Outro jeito é o incentivo econômico, que é uma forma poderosa de mudar os hábitos das pessoas.

A tecnologia ajuda ou atrapalha?

Ajuda e atrapalha. É a mesma coisa que acontece com a energia nuclear, as armas nucleares e outras grandes descobertas da humanidade. Depende de em que mãos está. E você não pode parar o desenvolvimento tecnológico por causa disso. Agora, neste momento, precisamos de muita inovação para criar as condições da sociedade sustentável que o século 21 está demandando e que garantam a nossa sobrevivência neste planeta. Não dá para vivermos da mesma forma que fizemos no século 20. Precisamos mudar de comportamento. ■

“Que a cultura não pode ser considerada nem simplesmente justaposta nem simplesmente superposta à vida. Em certo sentido substitui-se à vida, e em outro sentido utiliza-a e a transforma para realizar uma síntese de nova ordem”.

(Lévi-Strauss)

A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA NA PERSPECTIVA DA(S) CULTURA(S)

Senilde Alcântara Guanaes*

DESDE O SEU SURGIMENTO A CIVILIZAÇÃO HUMANA VEM SENDO CONSTITUÍDA

a partir de uma concepção antagônica da natureza. De um lado, uma versão científico-positivista do mundo natural, reduzido ora a uma lógica mercantil, ora a um princípio de “sacralização”, onde a natureza passa a ser “intocável”, transformando-se em “refúgios de biodiversidade”. Do outro lado, mesclados à natureza, estariam os grupos humanos diretamente dependentes dos recursos naturais. Embora esses grupos não dependam da dicotomia natureza-sociedade, os modelos globais continuam a dicotomizar a natureza, entendendo-a exclusivamente como “recursos”, em oposição às “políticas” globais, definidoras do mundo da cultura, numa relação que globaliza os interesses sobre o território e as políticas de conservação, criando modelos distantes dos contextos culturais e, simultaneamente, exorcizando as formas locais de uso da natureza.

Se pensarmos a cultura como relação e comunicação “que organizam a percepção e a ação das pessoas”, conforme Almeida e Carneiro da Cunha, nela cabe a própria ideia de natureza e as formas escolhidas de se relacionar com ela. Tanto a negação quanto a domesticação e uso do mundo natural, assim como as propostas de uma nova relação com o ecossistema, são produzidos por categorias culturais



específicas em contextos singulares. O que não significa dizer que a natureza e a vida em suas diversas concepções estão submetidas às categorias culturais, mas que os conceitos, padrões ecológicos e critérios de relação com o mundo natural foram criados, desde a sua raiz, em contextos políticos e econômicos específicos.

É precisamente neste contexto que nos perguntamos se é possível uma mediação entre essas duas lógicas de relação com a natureza. Aquela que explicitamente privilegia interesses globais sobre territórios “nacionais”, biodiversidade e etnoconhecimento; e outra que acredita possível conciliar formas tradicionais e ou culturais de relação com o meio e a conservação da biodiversidade. A segunda compreenderia observar como grupos culturais distintos, no campo ou na cidade, vivem e se relacionam com o ecossistema à sua volta, compartilham os recursos naturais disponíveis, negociam os espaços a serem ocupados, solucionam problemas comuns, em síntese, como se apropriam do espaço da vida.

O uso de recursos naturais, os critérios de exclusão e inclusão de grupos humanos em áreas de conservação e o difícil reconhecimento dos direitos dos povos tradicionais, entre outras questões, dão origem a complexas discussões, pois

***Senilde Alcântara Guanaes**

Docente da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, dra. em Ciências Sociais e Pós-doutora em Educação, ambos pela Unicamp.



são as mesmas questões vistas sob diferentes prismas - não raramente naturalizando-se processos sociais de relação com a natureza e esvaziando a dimensão econômica e política estruturante dessa relação. Para esse tipo de conservacionismo, as culturas continuam sendo inimigas da “conservação”.

No entanto, não necessariamente, os grupos humanos fazem um uso desequilibrado dos recursos naturais, as experiências têm demonstrado que, quando desafiados a gerir ou cogerir seus territórios e recursos, esses grupos agem de modo racional, responsável e eficaz. Em contraposição, os números têm mostrado que os espaços naturais e de paisagens controlados apenas pelo Estado e/ou instituições não governamentais, estão sujeitos a ações que colocam constantemente em risco a integridade do ecossistema e do território como um todo, em função das dificuldades em estabelecer regras que sejam organicamente eficazes e em fiscalizar o cumprimento das mesmas sem a colaboração e a presença cotidiana dos grupos locais.

Nesse sentido, a importância do conhecimento popular e dos saberes partilhados entre as diversas “ciências” e distintas representações culturais, tornam-se fundamentais para a construção de modelos eficazes de

Políticas de conservação são mais eficazes à medida que rompem com a dicotomia natureza e cultura e que formulam um conjunto de práticas a partir de cada ecossistema e dos grupos humanos que vivem nele

conservação. E isso não se reduz apenas aos pequenos grupos e/ou comunidades, as complexidades de um conjunto diverso de experiências também são capazes de operar e resolver problemas ambientais em nível urbano. Pesquisas mostram que áreas onde há parcerias entre grupos sociais com habilidades para operar determinadas atividades econômicas e agências ambientais dispostas a promovê-las, as políticas conservacionistas desenvolvem-se de forma autônoma não apenas em termos econômicos e ambientais, mas também em termos políticos, o que pode representar um primeiro passo para um “modelo conservacionista positivo”, nas palavras de Dowie, onde os próprios nativos definem as regras e os gestores tentam subsidiá-las.

Políticas de conservação são mais eficazes à medida que rompem com a dicotomia natureza e cultura e que formulam um conjunto de práticas a partir de cada ecossistema e dos grupos humanos que vivem nele, não para atender padrões externos de conservação, por outro lado, precisa também saber dialogar e estar atento às novas experiências e teorias em nível global. São experiências que desenvolvidas em seus contextos podem trazer elementos que sejam “universais”, no sentido estruturalista, eis a diferença básica entre modelos globais e modelos universais de conservação, o primeiro produz um conjunto de ficções baseado em experiências hegemônicas; enquanto o segundo, também um conjunto de ficções, sustenta-se em idéias e experiências supostamente comuns a todos os povos, porque extraídas de sistemas locais. Os saberes locais, quando agenciados, são capazes de integrar de modo vivo e autônomo o mundo da cultura ao mundo da natureza, e de reverter a “insustentabilidade” global do nosso modelo econômico em possíveis “sustentabilidades” locais. ■

Flavita Valsani



Lixo em calçada de São Paulo; cidade receberá mutirão de limpeza

MUTIRÃO CONTRA O LIXO QUER REUNIR 500 MIL PESSOAS EM 7 CIDADES

Entre junho e setembro, com início neste Dia Mundial do Meio Ambiente, a campanha Limpa Brasil Let's do it! pretende reunir 500 mil pessoas em sete grandes cidades brasileiras para um grande mutirão de limpeza e ações de conscientização sobre lixo, desperdício, consumo e reciclagem.

O projeto, que tem apoio da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), já passou por 20 países e prevê mutirões bienais pelos próximos dez anos. As primeiras cidades beneficiadas no Brasil, ainda neste mês, serão Rio e Brasília.

Durante a ação, o lixo que for reciclável será separado e organizado para envio a cooperativas especializadas. O material orgânico e não-reciclável será recolhido pelas prefeituras, que farão a destinação final a aterros sanitários.

O movimento Let's do it! estreou na Estônia em 2008, com 50 mil voluntários que juntos recolheram 10 mil toneladas de lixo de praças, ruas e florestas.

Para colaborar com a ação, que passará por São Paulo até setembro, é possível apontar quais são os pontos com mais acúmulo de lixo pelo site www.limpabrasil.com.

SÃO PAULO APÓIA USO DE SACOLAS RETORNÁVEIS

Com o objetivo de incentivar o uso de sacolas retornáveis, a prefeitura de São Paulo sancionou lei que proíbe o uso de sacolas plásticas a partir de 2012 em todos os estabelecimentos comerciais. Com isso, São Paulo é a segunda cidade do país a abolir o acessório, cuja decomposição na natureza leva no mínimo 100 anos – Belo Horizonte foi a primeira a adotar essa medida de sustentabilidade.

SEMINÁRIO DISCUTE PADRÃO DE CONSUMO

O consultor e ambientalista Fabio Feldman, ex-deputado federal, fala sobre consumo sustentável no próximo dia 14 de junho, às 17h, no IEE, Instituto de Eletrotécnica e Energia da Universidade de São Paulo. O seminário, gratuito, faz parte do projeto Terças Ambientais, do Laboratório de Educação e Ambiente (TEIA-USP), que promove palestras mensais sobre o tema. www.teia.fe.usp.br

Na internet

Ministério do Meio Ambiente: mma.gov.br
 Ministério do Turismo: turismo.gov.br
 The Nature Conservancy: nature.org
 SOS Mata Atlântica: sosmatatlantica.org.br

LIVROS

Alfabetização Ecológica

Autor: Fritjof Capra
 Cultrix
www.cultrix.com.br



O conceito de "alfabetização ecológica", inspirado nas teorias de Fritjof Capra e de outros pensadores,

transcende a educação ambiental como disciplina. Visa uma transformação mais profunda no conteúdo, no processo e no alcance da educação para que as futuras gerações estabeleçam uma parceria com a natureza.

Flora Brasileira, História, Arte & Ciência

Ana Cecilia Martins (org.)
 Casa da Palavra
www.casadapalavra.com.br



O livro traz quatro enfoques sobre a flora nacional: a história da flora; sua abordagem pela ciência e pelo prisma da biodiversidade; sua perspectiva social e seu retrato pela arte.

Jogos e Brincadeiras na Cultura Kalapalo

Autores: Marina Herrero e Ulysses Fernandes
 Edições SESC-SP
www.lojasescsp.org.br



Relato em DVD e livro com fotos do cotidiano do povo Kalapalo, seus ritos, cultura e brincadeiras.

Consumo consciente
e descarte responsável:
sua atitude é
transformadora!

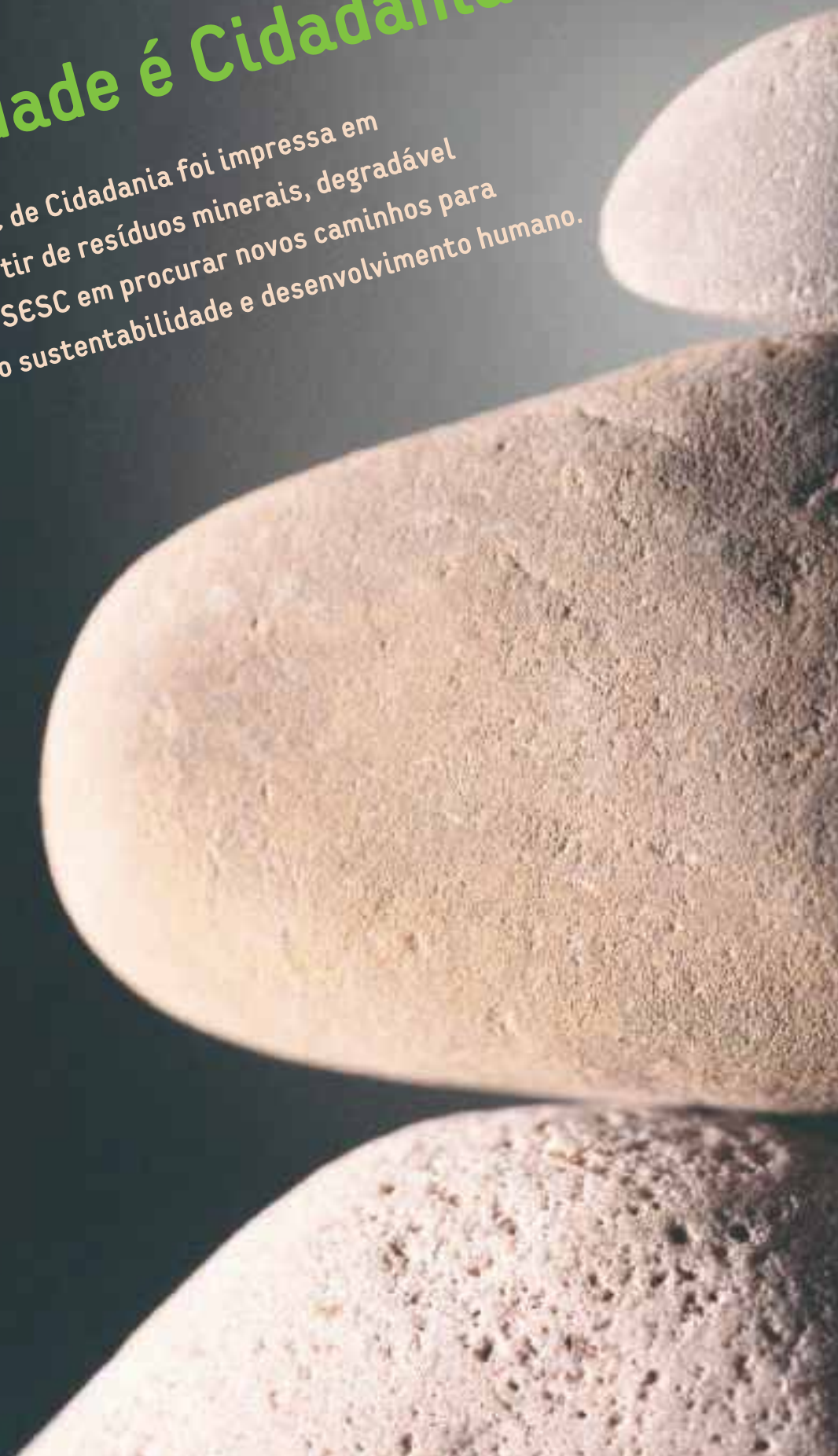


SESC
sescsp.org.br

lixo:  menos é mais

Sustentabilidade é Cidadania!

Esta edição dos Cadernos SESC de Cidadania foi impressa em papel de pedra produzido a partir de resíduos minerais, degradável e reciclável. Compromisso do SESC em procurar novos caminhos para o equacionamento do binômio sustentabilidade e desenvolvimento humano.



papel de pedra: naturalmente degradável
reciclável em :



SESC
sescsp.org.br